



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS  
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**WESLEI REIS DOS SANTOS**

**DISCUSSÕES DE SEXUALIDADES E IDENTIDADES DE GÊNERO NO ENSINO  
FUNDAMENTAL DOIS DA ESCOLA INSTITUTO MUNICIPAL  
DE EDUCAÇÃO LUIZ VIANA NETO (2018-2024)**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE  
2025**

**WESLEI REIS DOS SANTOS**

**DISCUSSÕES DE SEXUALIDADES E IDENTIDADES DE GÊNERO NO ENSINO  
FUNDAMENTAL DOIS DA ESCOLA INSTITUTO MUNICIPAL  
DE EDUCAÇÃO LUIZ VIANA NETO (2018-2024)**

Projeto de Pesquisa - Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito básico para a conclusão do curso Bacharelado em Humanidades.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Caterina Alessandra Rea.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2025**

**WESLEI REIS DOS SANTOS**

**DISCUSSÕES DE SEXUALIDADES E IDENTIDADES DE GÊNERO NO ENSINO  
FUNDAMENTAL DOIS DA ESCOLA INSTITUTO MUNICIPAL  
DE EDUCAÇÃO LUIZ VIANA NETO (2018-2024)**

Projeto de Pesquisa - Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito básico para a conclusão do curso Bacharelado em Humanidades.

Data da aprovação: 03/06/2025.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Caterina Alessandra Rea (Orientadora)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andressa de Freitas Ribeiro**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carla Benitez Martins**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

## **SUMÁRIO**

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>5</b>
<b>2</b>	<b>PROBLEMATIZAÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>3</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>12</b>
3.1	GERAL	12
3.2	ESPECÍFICOS	12
<b>4</b>	<b>JUSTIFICATIVA</b>	<b>13</b>
<b>5</b>	<b>REVISÃO DE LITERATURA</b>	<b>16</b>
<b>6</b>	<b>METODOLOGIA DA PESQUISA</b>	<b>25</b>
<b>7</b>	<b>CRONOGRAMA</b>	<b>26</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>27</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca abordar e compreender a importância das discussões de identidade de gênero, e sexualidade no fundamental dois da escola Instituto Municipal de Educação Luiz Viana Neto, para averiguar se, e em que medida as questões de identidades de gênero, e sexualidades são abordadas e discutidas na escola no período entre 2018 e 2024. Consideramos que o fato de trazer para o espaço da escola estas discussões se torna uma estratégia importante para identificar e prevenir a presença de formas de discriminação de caráter homo-lesbo-transfóbico neste espaço. Ao analisar de que maneira se dá a discriminação dos estudantes homossexuais, transsexuais e Queer, ao trazer pontos de como pode ser benéfica a inserção dos diálogos de gênero, e sexualidades no combate à discriminação, e violência no ambiente escolar, juntamente com a discursão dos ataques conservadores aos estudos de gênero e sexualidade, pretendo fazer também trabalho de campo na escola em questão para colher informações da temática, e trabalhá-las com os teóricos que estudam a temática. As questões das dissidências sexuais, e identidade de gênero no ambiente escolar é muito importante já que a escola é um local onde crianças e adolescentes têm suas primeiras impressões sobre o que é o convívio na sociedade, e como se dá a socialização com diferentes tipos de pessoas, seja de diferença de cor, idade, sexualidade e identidades de gênero. A escola pode também ser um lugar de violências, e hostilidades da mesma forma que o contato e socialização pode trazer enriquecimento, pode gerar conflitos de visão de mundo diferentes, e de interesses particulares, abrindo espaço para o preconceito (Bocany; Venturi, 2011).

A contribuição de pesquisas acadêmicas que levantem, registrem e analisem como as questões relativas às dissidências sexuais e de gênero são inseridas e tratadas nos currículos escolares é relevante como um fator que estimula tais reflexões por parte de professoras/es e educadoras/es escolares. Para além disso, entendemos que, com relação ao município de São Francisco do Conde, existe uma lacuna de estudos acadêmicos, que este trabalho pretende preencher.

O ciclo de ensino que vou abordar nesta pesquisa é o fundamental 2, que é o ciclo de ensino que se inicia aos 11 anos e termina aos 14 anos, sendo também o momento que está se iniciando a pré-adolescência dos estudantes, uma fase em que esses estudantes começam a entender melhor suas sexualidades, assim como suas

identidades. Período marcado também pelas mudanças corporais e uma série de questionamentos acerca de vários assuntos sociais, sendo o ciclo de ensino que antecede o ensino médio, o fundamental 2 tem início no 6º ano e término no 9º ano, tendo uma mudança importante nos conteúdos que serão estudados, tendo um conteúdo com foco maior nas questões políticas, artes, cultura, economia e tecnologias, fazendo com que os estudantes desenvolvam mais o senso crítico, e tenham mais autonomia para lidar com adversidades do cotidiano.

Através de uma conversa com Ana Bispo, uma militante das pautas de gênero, sexualidade e religião de São Francisco do Conde, pude ter acesso a mais informações de como tais pautas são colocadas na cidade; basicamente, ela me falou que não se discute gênero e sexualidade nas escolas, e que também não se tem essa discussão de forma mais organizada nos espaços públicos da cidade. Atualmente existe um grupo de conselho LGBTQIAPN+ na cidade, onde os integrantes buscam melhorias para a comunidade LGBTQIA+ do município, e para que se tenha talvez alguma política pública voltada a garantir os direitos LGBTQIA+ da cidade, e que essa necessidade de se buscar mais direitos para a comunidade, venha também garantir que se fale destas questões nos espaços escolares, como por exemplo no Instituto de Educação Luiz Viana Neto, que oferece uma educação para alunos do fundamental dois, que é justamente o momento de se aprender as temáticas de identidade de gênero e sexualidade, já que é nesse momento que a maioria dos jovens estão em processo de se descobrir e despertar sua vida sexual. Consideramos a fala da militante Ana Bispo sobre as supostas insuficiências nas abordagens das questões de gênero e sexualidades nas escolas de São Francisco do Conde mais como demanda, um incentivo e um estímulo vindos da comunidade local, do que como uma possível resposta à problemática que a pesquisa entende levantar.

Apesar dos esforços do conselho, ainda não se tem mudanças neste sentido; quando os governantes fazem alguma coisa na cidade, voltada para população LGBTQIA+, é quando acontece a parada gay na cidade, que às vezes a secretaria da juventude promove shows na cidade, além do concurso miss gay. Tudo isso é raso para a comunidade LGBTQIA+ da cidade, porque não necessitamos apenas de festas, precisamos da criação de políticas públicas para se levar mais dignidade aos LGBTQIA+ da cidade, assim como se discutir as formas de homofobia, transfobia e outros preconceitos que acontecem na cidade, e principalmente com jovens adolescentes e estudantes do município.

É importante trazer a discussão da relação racial do contexto da cidade, juntamente com a questão de classe, principalmente por se tratar de uma cidade onde a maioria da população é negra, e enfrenta dificuldades socioeconômicas, que impactam diretamente nas relações de estudos e de convívio em sociedade, muitas vezes fazendo com o que exista evasão nas escolas do município. E isso junto as questões de gênero e sexualidade se intensificam, trazendo mais dificuldades aos jovens LGBTQIA+, que passam por situações de preconceito na escola. Consideramos, portanto, a necessidade de introduzir uma leitura interseccional e interseccionada das dissidências sexuais e de gênero, que manifeste a co-imbricação desses fatores na produção das formas de homofobia e discriminação sofridas pela população LGBTQIA+ racializada do município.

Conforme venho acompanhando nas redes sociais e nas conversas com militantes locais, como no caso de Ana Bispo, os esforços do conselho LGBTQIA+ da cidade, do qual eu mesmo fiz parte durante um breve tempo, recentemente, tenta chamar atenção dos políticos locais, para que se tenha um olhar mais apurado das necessidades da população LGBTQIA+, pois teoricamente eles poderiam ajudar a trazer as reivindicações do conselho, e talvez a implementação das discussões da temática de identidade de gênero e sexualidade para as escolas. Aqui trago a interessante criação do grupo de trabalho do Brasil sem homofobia no ministério da educação que foi lançado em 2006 no MEC, o grupo que tinha como objetivo acompanhar também a implementação do programa Brasil sem homofobia, que tem como finalidade garantir os direitos LGBTQIA+ no ministério da educação (FERNANDES, 2011). Conforme relatado por Felipe Martins Fernandes, em sua tese de doutorado,

O lançamento do programa BSH e a responsabilização da SECAD como a agência governamental que implantaria essas políticas no campo da educação exigiu que se compusesse esse grupo nos moldes de “conselho” que pudesse orientar as políticas da agenda antihomofobia. A ideia de criação de um GT para acompanhamento das ações da agenda anti-homofobia no MEC já estava sinalizada no Eixo V do programa Brasil Sem Homofobia, em que se aborda o “direito à educação”. No Eixo V, em um de seus objetivos específicos, previa-se a criação de um “subcomitê”, composto por gestores e ativistas: V – Direito à Educação: promovendo valores de respeito à paz e à não-discriminação por orientação sexual [Ação 23] (Brasil, 2004 *apud* Fernandes, 2011, p. 115).

Precisamos cobrar das autoridades do município mais ações de combate à homofobia nos espaços de educação, assim como a realização de ações do programa

BSH, pelo direito, respeito e a não-discriminação na educação. Ficamos sabendo de diversas formas de agressão sofridas por professores LGBTQIA+ em escolas do município de São Francisco do Conde; apesar de serem agressões verbais, elas mostram que essas tensões se dão em salas de aula justamente pelas questões de não se discutir esses pontos de maneira didáticas no ambiente escolar. Muitos alunos não sabem como lidar com diferentes formas de se expressar o gênero, por exemplo, os debates de gênero no recôncavo da Bahia ainda se dão de maneira muito superficial, sendo que pais e funcionários, em sua maioria, não têm conhecimento sobre identidade de gênero, nem das dissidências sexuais; quando não se discute de maneira mais ampla sobre um assunto, ele tende a não ser resolvido, nem pautado no âmbito de políticas públicas.

É importante abordar os principais motivos para que se tenha tanta relutância a essa temática; um deles é a mentalidade cis-heteronormativa entranhada nos pilares religiosos cristãos e no patriarcado que foram perpetuados na sociedade ao longo dos séculos, ou seja, foi criado, a partir daí, um imaginário social, no qual existia um padrão ideal de sexualidade e expressão de gênero, abrindo espaço para que uma série de desigualdades e opressões fossem criadas contra as pessoas que seguissem condutas diferentes desse padrão, no caso as pessoas denominadas LGBTQIA+. Existem alguns estudos que demonstram que esse índice de discriminação nas escolas do Brasil é bem considerável, como mostram algumas pesquisas presentes no livro, *Diversidade e Homofobia no Brasil*:

Quando os entrevistados são indagados sobre a primeira situação em que foram discriminados devido à orientação ou conduta sexual, os colegas de escola voltam a aparecer em primeiro lugar, com 13% das respostas estimuladas, embora outros familiares, pais e amigos venham logo atrás (11%, 10% e 8%, respectivamente) (ver Anexo, quadro 45). Tomados na totalidade, os dados revelam uma vez mais que o sentimento de rejeição homofóbica costuma rondar os LGBT no círculo das pessoas que lhe são mais próximas (Bocany; Venture, 2011, p. 137).

Esses dados ajudam bastante a perceber a gravidade deste problema. Também dá para se perceber isso na prática, pois, provavelmente, em algum momento da vida escolar, as pessoas já devem ter presenciado algum ato de homofobia e discriminação a pessoas LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgênero, Queer, Intersexuais, Assexuais). É de extrema importância se falar que geralmente os professores não têm nenhum conhecimento em relação a



essa temática, e principalmente eles não sabem como agir diante a um caso de homofobia, ou transfobia por exemplo, justamente por não saberem muito a respeito disso. Geralmente quando acontecem esses casos em sala de aula, as pessoas tendem a não intervir, ou apenas advertir o aluno agressor de maneira superficial, sendo que é preciso também se falar do porquê aquilo que ele fez é errado, e dar um apoio emocional para o aluno que foi agredido. Queremos dizer com isso que muitos casos de homofobia na escola são tratados como casos genéricos de agressão/violência, sem indagar e nomear a matriz homofóbica daquela agressão/violência (Perresone; Toresan, 2020). Entendemos que é necessário que as/os educadoras/es e professoras/es que atuam nas escolas tenham conhecimento sobre a longa história das violências e perseguições conduzidas contra pessoas dissidentes sexuais.

A origem da corrente conservadora tem raízes na visão da homossexualidade como um pecado - perversão, desvio ou até mesmo crime. Dados arqueológicos sugerem que a homossexualidade humana teve origem com o próprio *homo sapiens* (Cuesta & Diez, 2006). Entretanto, ao longo da história, principalmente com o desenvolvimento das civilizações, a população homossexual - ou presumidamente homossexual - foi perseguida, condenada, torturada física e psicologicamente, e morta. Diversos impérios e governos, principalmente da idade média até os dias de hoje, tipificaram e ainda tipificam a homossexualidade (na bíblia, sodomia) como um desvio de conduta, ou, principalmente, um pecado. Portanto, deveriam os homossexuais ser queimados, brutalmente atacados e presos (Cuesta; Diez, 2006 *apud* Perresone; Toresan, 2020, p. 3)

A propagação de ideologias cristãs fez com que as dissidências sexuais e as expressões de gênero fossem vistas como condutas anormais. Sendo assim, a população LGBTQIA+ era duramente criticada pela igreja, e por toda à sociedade. Sociedade essa que sempre foi extremamente machista e sexista. Segundo Peressone e Toresan (2020), apesar da homossexualidade não ser mais vista como doença mental, pela Organização Mundial Saúde a (OMS), a população LGBTQIA+ ainda sofre preconceito.

Desde sempre, a população LGBTQIA+ sofre com o preconceito e opressão na sociedade, porque desde sempre foi ensinado às pessoas que a forma natural e ideal de se relacionar sexualmente é a forma heterossexual, e que ao nascer, o que define a identidade de gênero é o sexo biológico; tudo isso sempre foi reforçado por ideias baseadas na religião cristã. Geralmente, ouvimos pessoas religiosas e conservadoras dizerem que o que determina a identidade de gênero e a orientação

sexual seria a genitália, e tudo que fosse diferente disso seria algo contra a natureza, portanto identificado como patológico ou criminoso. Em certos casos, até se recorre a uma interferência sobrenatural, ou seja, à demonização e invalidação das identidades queer. A estudiosa brasileira Guacira Lopes Louro nos leva, ao contrário, a refletir sobre a dimensão não natural e pré-constituída das identidades sexuais e de gênero. Nas palavras da autora:

Por outro lado, os sujeitos também se identificam, social e historicamente, como masculinos ou femininos e assim constroem suas identidades de gênero. Ora, é evidente que essas identidades (sexuais e de gênero) estão profundamente inter-relacionadas; nossa linguagem e nossas práticas muito frequentemente as confundem, tornando difícil pensá-las distintivamente. No entanto, elas não são a mesma coisa. Sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais (e, ao mesmo tempo, eles também podem ser negros, brancos, ou índios, ricos ou pobres etc.) (Louro, 1997, p. 8)

Como ressalta o texto de Bocany e Venture (2011), geralmente, as lideranças de movimentos LGBTQTS, fazem denúncias expressivas de violências contra pessoas gays, lésbicas, e transsexuais nas escolas, e que as instituições de ensino já são taxadas de homofóbicas devido a tantos relatos de maus tratos. Esse tipo de tratamento preconceituoso impacta diretamente no processo de aprendizagem destes alunos, fazendo seu desempenho escolar ser ruim, fazendo também com o que esses estudantes deixem de ir à escola, que acontece principalmente com as travestis, que pagam um alto preço por isso posteriormente.

Evidenciamos também que, quando falamos de todas essas violências e opressões vividas em escolas, isso se intensifica muito em escolas públicas, onde mais frequentemente se encontram as pessoas de baixa renda, pessoas que, além de terem que se valer de um sistema de ensino público cheio de precariedades, como o do Brasil, ainda têm que enfrentar essas opressões. Com essas discussões inseridas nas salas de aula diminuiriam drasticamente esses preconceitos, porque é isso que a informação faz, acabar com prejulgamentos e levar mais informação, assim o respeito mútuo iria se fazer presente nesse ambiente.

A desconstrução da binaridade de gênero é, conforme mostra Guacira Lopes Louro (1997), uma questão muito importante para se pensar quando falamos de educação de gênero e sexualidade, porque essa noção limitada da existência de dois gêneros, e o fato de que esses gêneros apenas podem ser determinados a partir da natureza fazem com que pessoas que não se identificam com essa binaridade sejam

o tempo todo invalidadas e invisibilizadas, tendo sua identidade de gênero sempre desconsiderada, assim como a questão da feminilidade, e masculinidade que se é imposta desde cedo às pessoas, e principalmente a jovens que estão em processo de afirmação de identidade e sexualidade. Tudo isso se torna muito problemático para a vivência de adolescentes dentro das escolas, já que o ambiente escolar reproduz essas formas de pensar, que gera várias formas de violência dirigida contra jovens que não seguem esses padrões de identidade de gênero, sexual ou de comportamento. Reportamos um trecho de Guacira Lopes Louro, no qual a autora reivindica a necessidade de se desconstruir o conceito binário de gênero para deixar proliferar uma multiplicidade de formas e de vivências da masculinidade e da feminilidade:

Uma das consequências mais significativas da desconstrução dessa oposição binária reside na possibilidade que abre para que se compreendam e incluam as diferentes formas de masculinidade e feminilidade que se constituem socialmente. A concepção dos gêneros como se produzindo dentro de uma lógica dicotômica implica um polo que se contrapõe a outro (portanto uma ideia singular de masculinidade e de feminilidade), e isso supõe ignorar ou negar todos os sujeitos sociais que não se "enquadram" em uma dessas formas. Romper a dicotomia poderá abalar o enraizado caráter heterossexual que estaria, na visão de muitos/as, presente no conceito "gênero". Na verdade, penso que o conceito só poderá manter sua utilidade teórica na medida em que incorporar esses questionamentos. (Louro, 1997, p. 13).

A maneira com o que os espaços políticos e sociais colocam o gênero como meio de se impor determinados padrões comportamentais, e de vestimentas são muito arbitrárias e abre espaço para a formação de hierarquias e opressões baseadas no gênero e sexualidade, por tanto vemos os estudos feministas e culturais que o gênero é constituinte das pessoas, e elas podem ser múltiplas, sem padrões fixos que limitam as compreensões dos sujeitos, Louro, (1997).

Então, esta pesquisa entende questionar a falta de abordagens relativas à identidade gênero e sexualidades nas escolas, mais especificamente na escola Instituto municipal de educação Luís Viana Neto (SFC), como instrumento de combate ao preconceito. Nossa ideia é que onde não se discutem as temáticas ligadas ao gênero e às sexualidades, o preconceito e a violência proliferam livremente. Essa pesquisa pretende trazer mais dados concretos sobre de que forma a escola lida com essas questões, através da pesquisa de campo, usando a metodologia qualitativa e bibliográfica. O estudo terá, como recorte temporal, o período entre 2018 e 2024, um período que foi em boa parte marcado, como destacado pelo sociólogo Rogério Diniz

Junqueira (2018), pelas discussões sobre a nebulosa ideia de ideologia de gênero e pelos ataques aos estudos de gênero nas escolas.

## TEMA

Insuficiências das abordagens e discussões sobre identidade de gênero e sexualidades no ciclo de ensino fundamental II da escola Instituto Municipal de Educação Luiz Viana Neto na cidade de São Francisco do Conde, no período entre 2018 e 2024 e combate ao preconceito.

## **2 PROBLEMATIZAÇÃO**

As abordagens e discussões sobre identidade de gênero e sexualidades no ciclo de ensino fundamental II da escola Instituto Municipal de Educação Luiz Viana Neto, na cidade de São Francisco do Conde, no período entre 2018 e 2024, revelaram-se insuficientes para combater o preconceito?

## **3 OBJETIVOS**

### 3.1 GERAL

Problematizar a insuficiências das abordagens e discussões sobre identidade de gênero e sexualidades no ciclo de ensino fundamental II da escola Instituto Municipal de Educação Luiz Viana Neto na cidade de São Francisco do Conde, no período entre 2018 e 2024, como combate ao preconceito.

### 3.2 ESPECÍFICOS

- Levantar casos de discriminação e opressão de estudantes homossexuais, Queer, e transsexuais no Instituto de Municipal de educação Luiz Viana neto no período estudado 2018 e 2024.

- Analisar as estratégias de professoras/es e educadoras/es do Instituto Luiz Viana diante dos casos de violências, discriminação e preconceitos de matriz homo-lesbo-transfóbica acontecidos na escola entre 2018 e 2024.
- Discutir sobre os ataques conservadores aos estudos de gênero e sexualidades.
- Mapear as contribuições da Teoria Queer para a discussão sobre gênero e sexualidade na escola.

#### **4 JUSTIFICATIVA**

A presente pesquisa, que se inscreve no campo dos Estudos de Gênero, Sexualidades e Educação, é de extrema importância, porque a inclusão das discussões sobre as identidades de gênero e sexualidades nos currículos escolares tem impacto na diminuição de casos de violência e discriminações contra estudantes LGBTQIA+ no espaço escolar. Como mostram os dados da Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil (2016), existe uma grande porcentagem no número de discriminação por sexualidade, nas escolas, as dissidências sexuais não estão dentro do padrão patriarcal, machista e heteronormativo que é fomentado por ideologias cristãs, então faz com que as/os estudantes LGBTQIA+ sejam constantemente atacadas/os e oprimidas/os. A realidade das escolas do recôncavo baiano e, principalmente, de São Francisco do Conde, onde não vemos a criação de projetos para se abordar a temática de maneira mais aprofundada, cai no descaso e na normalização de algumas situações envolvendo discriminações. Diante da vasta produção acadêmica sobre homofobia nas escolas ao nível nacional e na Bahia, destaco, porém, a falta de estudos voltados para apresentar o caso do município de São Francisco do Conde onde casos de preconceitos LGBTfóbicos são relatados no ambiente escolar.

Então é de grande relevância que se fale sobre isso em escolas, porque as crianças e adolescentes, crescem reproduzindo esses preconceitos, justamente por não terem informação mais profundas sobre essas violências, tão pouco como lidar com as diferenças envolvendo identidade de gênero. Trazer essas questões para a sala de aula faria como que alunos, pais e funcionários soubessem lidar com as diferenças e que existem diversas sexualidades e identidades de gênero, vindo que

isso não é algo anormal ou errado, mas sim a diversidade e suas belezas particulares, validas que devem ser respeitadas.

Muitos alunos homossexuais não sabem se defender de opressões e preconceitos, pois elas/eles ainda não entenderem completamente suas sexualidades e identidades; essas pessoas são, assim, alvo fácil da agressão, muitas vezes esses alunos, se retraem sofrendo essas violências em silêncio, sendo essa questão também a ser discutida, a qualidade da saúde mental desses jovens, é bom salientar que essas violências sofridas, a esses alunos LGBTQIA+ nas escolas é prejudicial no desempenho escolar, segundo a Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2016:

60% dos\das estudantes se sentiram inseguros nas escolas devido a sua orientação sexual, 43% dos\das estudantes se sentiram inseguros devido a sua expressão de gênero, 27% dos estudantes LGBTs foram agredidos fisicamente por sua orientação sexual, esses estudantes tinham duas vezes mais chances de não querer ir as escolas por conta dos ataques homofóbicos, e para 64% dos estudantes disseram que não existia no regulamento da escola nenhuma ação contra esses ataques nem nenhum conhecimento dos mesmos (ABGLT, 2016, p. 19)

Não dá para focar nos estudos estando em um ambiente onde se sofre violências, e discriminação constantemente, onde é imposto um padrão de comportamento heteronormativo e cis gênero.

Com todas essas questões sendo levantadas, abre espaço para a discussão das dúvidas dos pais desses alunos sobre se todo esse debate for levado nas salas de aula, não seria uma forma de impor aos alunos a homossexualidade, se os jovens não vão aprender a ser LGBTQIA+ por causa de todas essas informações; todas essas dúvidas permeiam esses debates. Louro reflete a esse propósito sobre o potencial transformador para a família, a escola e a sociedade da discussão sobre as identidades de gênero e sexuais dissidentes e destaca que isso implica a compreensão de novas possibilidades de existência e da pluralidade ou diversidade das expressões sexuais. Escreve Louro

Richard Johnson (1996, p. 183) aponta isso, ao sustentar que os conservadores estão corretos quando dizem que a "celebração" da identidade gay e lésbica afeta a família (tal como eles a percebem e como a desejariam conservar). De fato, a crescente exposição pela mídia de sujeitos homossexuais interfere nas suas representações sociais. Mas Richard acrescenta: Eles (os conservadores) estão errados em apresentar isso como uma ameaça. Quem, exatamente, é ameaçado? Devemos sempre policiar os

limites sexuais e congelar nossas formas de viver? Por que não podemos ver a diversidade sexual como uma fonte de construção de algumas novas possibilidades? (Louro, 1997, p. 49).

Percebo que a celebração\exposição de pessoas LGBTs, causa um grande medo nos conservadores, pois eles têm a ideia de que isso de alguma forma vai influenciar outras pessoas a serem gays ou lésbicas. Essa questão é bastante sentida por exemplo por professores LGBTs de crianças, há sempre o questionamento dos pais se a presença de um professor gay não vai de certa forma influenciar aqueles estudantes. Essa discussão é bastante importante justamente para que possamos desconstruir esses receios que alguns pais tem, essa é uma pauta que não se é discutida nas escolas de São Francisco do Conde, essa falta de informação deixa espaço para o cometimento da homofobia dentro das escolas, a cidade atualmente não conta com políticas públicas nem planos de se inserir essas temáticas nas escolas, então eu faço esse questionamento através do meu trabalho, que também é uma forma de provocar talvez um diálogo sobre, do porque não se tem ainda essas políticas públicas.

A fala da militante São-Franciscana, Ana Bispo, que já mencionamos acima, revela a importância e urgência sociais desta pesquisa, sendo que parte da base, ou seja, responde a uma exigência da sociedade civil e, particularmente, de grupos e movimentos LGBTQIA+ envolvidos na luta contra a homo-lesbo-transfobias a partir do período escolar. Enfatizamos como a realização dessa pesquisa se coloca, dessa forma, em sintonia com uma demanda fundamental por justiça e inclusão manifestada por atores/es da sociedade São-Franciscana.

A escolha deste tema veio pelo sentimento de necessidade de diálogos que abordassem essas temáticas, na escola que eu estudei, e que carece dessas informações de maneira mais aprofundada, para desmistificar uma série de preconceitos de cunho homofônico, que está tão presente não só na escola municipal de educação Luiz Viana Neto, mas também nos espaços públicos da cidade, que ao meu ver por ser uma cidade pequena existe muitas questões que são negligenciadas pelas autoridades, e também pelas pessoas que se fecham para a possibilidade de se debater pautas assim como as de gênero e sexualidade.

## 5 REVISÃO DE LITERATURA

Apresento aqui uma revisão de literatura narrativa, para uma melhor compreensão do tema de pesquisa, e escolha do referencial teórico que foi usado na mesma. Procurei usar teóricos que falam da importância das discussões de identidade de gênero e sexualidade no âmbito escolar, trazendo informações dos ataques aos estudos de gênero e sexualidade, que mobilizam a ideia de “ideologia de gênero”. Também, inclui uma breve sessão sobre a Teoria queer e suas contribuições para a construção de uma educação mais inclusiva e aberta às diferenças. Ainda, incluiremos um levantamento de literatura no campo das interseccionalidades das dissidências sexuais e de gênero com os fatores de raça e classe.

No campo dos **Estudos de Gênero e Educação**, utilizei referências e informações do livro, *Gênero, Sexualidade e Educação. Uma Estrutura pós-estruturalista*, da autora Guacira Lopes Louro, que é uma importante teórica das questões de sexualidade, e gênero na educação; esse livro é bastante importante para a minha pesquisa porque a Guacira faz críticas as concepções tradicionais de gênero, e sexualidade e relaciona isso as relações de poder, ela fala bastante que o espaço escolar deve ser usado para desconstrução de normas, e padrões rígidos, e preza por uma educação mais inclusiva, sendo assim uma ótima teórica para se trabalhar no meu projeto, que faz essas discussões de desconstrução de padrões, e chama atenção para uma educação que contemple as diversidades identitárias, e sexuais.

Trabalhei também com o livro, *O Recôncavo Baiano Sai do Armário. Universidade, gênero e sexualidade*, uma coletânea organizada por Ana Cristina Nascimento Givigi, e Priscila Gomes Dorneles. O livro aborda as questões de gênero e sexualidade no recôncavo baiano, uma região cheia de diversidade cultural, mas na qual ainda não se fala tanto dessas questões, a fim de desconstruir alguns preconceitos. O livro foi lançado em 2013, pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Esse livro se encaixa perfeitamente no meu trabalho porque ele retrata da temática justamente no Recôncavo, onde está situada a escola que eu escolhi pesquisar. A partir dele trouxe algumas reflexões da temática gênero e sexualidade de maneira mais particular no recôncavo, que infelizmente encontramos um silenciamento da pauta no meio acadêmico.

Outro teórico que enriqueceu bastante o meu trabalho foi o Richard Miskolci que aborda as questões de gênero, sexualidade na escola através da teoria Queer. O



livro em questão é *Teoria Queer, um aprendizado pelas diferenças*, que faz uma crítica das normas tradicionais da educação, e preza por um sistema de aprendizado mais fluido, e olhando para as diversidades para se ter a construção de uma sociedade mais inclusiva e sem discriminações.

Trouxe os dados das pesquisas sobre homofobia na educação do Brasil, *Diversidade Sexual e homofobia no Brasil*, da Fundação Perseu 2011. Este texto mostra a grande porcentagem de casos de homofobia e intolerância no país, para trazer a contextualização de como a homofobia, e a intolerância é presente no país. Também usei os dados da *Pesquisa Nacional Sobre o Ambiente Educacional no Brasil* (2015): o texto apresenta as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transsexuais em nossos ambientes educacionais, que mostra os dados das violências por homofobia nas escolas, junto com o quadro de pais, professores e funcionários, que relatam ter algum grau de preconceito e nenhum tipo de informações sobre as questões de diversidade sexual, e de gênero.

A tese de Felipe Bruno Martins Fernandes, *A agenda Anti-Homofobia na Educação Brasileira, 2003-2010* fala, por sua vez, das iniciativas que foram feitas para se combater a homofobia nas escolas, no período do governo Lula, que chama atenção para os desafios para uma educação mais inclusiva, e que contemple as diversidades sexuais, traz várias possibilidades de diálogos sobre o tema para minha pesquisa, principalmente sobre a criação de projetos de lei que visão a diversidade na educação escolar. Tendo também a possibilidade de explorar mais os principais desafios dos professores em lidar com essas questões, e como eles fazem para tornar o ambiente escolar mais seguro para os estudantes.

O livro *Juventude e Sexualidade*, de Mariam Abramovay UNESCO, 2004 traz as críticas de como é complexo as questões de sexualidade entre os jovens, principalmente com a ligação cultural e social, por isso a importância de uma educação sexual mais ampla, para garantir uma vida social e afetiva melhor para os jovens.

Ainda, gostaríamos de mencionar o texto *Discutindo gênero e sexualidade na escola: um guia didático-pedagógico para professores* dos professores Edmar Reis Thiengo, Doutor em Educação, na linha de pesquisa Educação e Linguagem Matemática, pela universidade federal do Espírito Santo (UFES) e Guilherme Augusto Marciel Ribeiro. Este texto aborda todas essas discussões de gênero e sexualidade nas escolas, explicando sua importância e justificando a relevância de tais discussões serem inseridas nas escolas, não só na relação entre alunas/os, mas também entre

alunas/os e professoras/es. De fato, é muito importante, segundo estes autores, que os professores estejam cientes do que se relaciona a essa temática, para poder repassar de forma correta aos estudantes, e até mesmo intervir de maneira mais eficaz, em casos de discriminações. Os autores pontuam que:

Para início de conversa a sala de aula é um espaço plural, pois nela estão presentes diferentes indivíduos que possuem uma trajetória de vida ímpar e diferentes perspectivas de vida, independentemente de sua condição financeira, orientação sexual ou identidade de gênero. Logo, a escola se torna um ambiente de acolhimento às diversidades, e deve, portanto, lidar com as diferenças de modo a possibilitar a aprendizagem de todos e exercitar o espírito de Cidadania, sem preconceitos, discriminações ou violências (Thiengo; Ribeiro, 2019, p. 20)

A escola como espaço de aprendizagem e onde se tem uma grande diferença de pessoas, deve ser também um espaço onde as pessoas possam aprender a conviver com as diferenças, e respeitando essas diferenças. Quando falamos de determinado assunto, passamos a compreender esse tema coletivamente, ouvindo diferentes pontos de vista e percepções, e o melhor, passamos a aprender, e desconstruir preconceitos.

Ao dirigir o foco para o caráter "fundamentalmente social", não há, contudo, a pretensão de negar que o gênero se constitui com ou sobre corpos sexuados, ou seja, não é negada a biologia, mas enfatizada, deliberadamente, a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas. Como diz Robert Connell (1995, p. 189), "no gênero, a prática social se dirige aos corpos". O conceito pretende se referir ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas ou, então, como são "trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico". (Louro, 1997, p. 21).

Guacira Lopes Louro é doutora em Educação, professora titular aposentada da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pesquisadora do CNPq. Coordena o GEERGE (Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero) desde 1990. Os aportes teóricos mais relevantes para a construção de sua argumentação vêm fundamentalmente do campo dos Estudos Feministas, mas, também, dos Estudos Culturais, dos Estudos Negros, dos Estudos Gay e Lésbicos. Contribuiu para a presente pesquisa com embasamentos sobre a temática de gênero, sexualidade e educação.

A juventude é também ciclo decisivo para demarcação de diferenças de gênero no campo de identidade. Tais diferenças podem potencializar

criatividade, singularidade como podem tender a reproduzir divisões sexualizadas com conotação de assimetria e desigualdade. É, portanto, natural que expressiva literatura no campo da sexualidade tenha-se voltado para o lugar da escola e da educação de jovens. (Abramovay *et al.*, 2004, p. 33).

O ser humano é diverso, isso nos ajuda a entender que cada identidade, seja de gênero ou sexual de cada pessoa, elas são construídas ao longo da vida de cada pessoa, de formas diferentes e isso também não está diretamente ligado a genitália das pessoas. Principalmente para as pessoas transgênero que frequentemente têm que lidar com a desinformação das pessoas com relação a isso. É importante entender que as identidades de gênero são formadas a partir das relações sociais de cada pessoa, a partir de suas vivências, e experiências em sociedade, assim cada pessoa vai se identificando como masculino, ou feminino na maneira de cada um de se viver em sociedade.

Ora, é evidente que essas identidades (sexuais e de gênero) estão profundamente inter-relacionadas; nossa linguagem e nossas práticas muito frequentemente as confundem, tornando difícil pensá-las distintivamente. No entanto, elas não são a mesma coisa. Sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais (e, ao mesmo tempo, eles também podem ser negros, brancos, ou índios, ricos ou pobres etc.). O que importa aqui considerar é que — tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade — as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. (Louro, 1997, p. 9).

Ainda nos parece importante trazer **pesquisas sobre os ataques aos Estudos de Gênero nas escolas pelo movimento Escola sem partido e a ideia de ideologia de gênero**, um tema que tomou ênfase no período estudado entre 2018 e 2024. Com o crescente aumento dos estudos de gênero nas últimas décadas é importante se falar da questão dos ataques as temáticas de gênero, pelo movimento escolas sem partido, a sociedade vem se questionando sobre a maneira que a sociedade lida com as questões de gênero, que historicamente o gênero feminino, foi tido como inferior e alvo de diversas opressões que foi sendo perpetuada pelo sistema patriarcal e machista que rege a sociedade. O texto *Ideologia de gênero: Ataques aos estudos de gênero pelo Movimento Escola sem partido*, de Costa, Ramayana e Silva discute os ataques aos estudos de gênero, pelo movimento escolas sem partido, que é um movimento conservador que se posiciona contra uma educação inclusiva, e que se discuta gênero e sexualidade nas escolas. As autoras trazem discussões da importância de se combater o conservadorismo, e o quão benéfico é uma educação

que preza pela inclusão e diversidade. As autoras também apontam para o fato de que teve um aumento desses estudos no Brasil a partir do ano 1990, e isso consequentemente foi visto como uma ameaça a esse modelo de sociedade patriarcal, que segue as ideologias religiosas da igreja católica, que historicamente teve muita influência e poder na sociedade, e que serviu também para reforçar diversas formas de opressão.

O questionamento das pessoas sobre essas questões na verdade ameaçava esse modelo de sociedade que privilegia os homens heterossexuais, brancos e ricos que são quem detém o poder nesse modelo de sociedade. Sendo assim essas pessoas privilegiadas começam a atacar esses estudos, e a dizer que isso só serve para gerar conflitos e bagunçar a ordem natural da sociedade onde, onde se tem o homem como o detentor do poder, e as mulheres e pessoas LGBTQIA+ ficam a margem da sociedade, sofrendo diversos tipos de violências.

Reportamos um trecho de Costa e Vanin que apresenta a importância da categoria de gênero para uma leitura desnaturalizadas das relações de poder

Gênero enquanto categoria de análise serve para pensarmos, antes de qualquer coisa, as relações de poder. Nesse sentido, as discussões de gênero ajudam a descortinar o que está por trás da naturalização de determinados papéis e hierarquias sociais, apontando que tal naturalização é um constructo que serve para a manutenção de privilégios e a uma ordem societal muito bem estabelecida: patriarcal, heteronormativa, classista e racista. (Costa; Vanin, 2021, p. 2).

Essa desnaturalização de opressões relacionadas a gênero gerou uma grande disputa para que essa temática pudesse ser falada e debatida, porque os extremos conservadores não querem que as coisas deixem de ser como são, existe uma grande guerra contra os debates de ideologia de gênero no mundo inteiro, um ataque aos movimentos feminista e as pessoas LGBTQIA+, esses conservadores junto com a igreja católica, e outras religiões cristãs usam discursos de repudio e demonização das pessoas transsexuais, e de práticas como o aborto para gerar polemicas para tentar fazer com o que a ideologia de gênero deixe de ser falada.

Essas lutas contra as discussões de gênero no Brasil se intensificam quando o presidente Luís Inácio Lula da Silva do PT ganha as eleições de 2002, o candidato defende um modelo progressista com propostas voltadas a políticas sociais, segundo as autoras em 2004 já se tinha um grande aumento nos discursos políticos de conservadores, e progressistas. Um desses projetos que se destacou foi a aprovação

do Programa escola sem Homofobia em 2010 que ficou conhecido pelas pessoas como "kit gay", que era chamado assim pelos conservadores, a fim de insinuar que esse projeto era uma tentativa de fazer com o que as crianças se tornassem homossexuais.

Assim como o reconhecimento do STF da união entre pessoas do mesmo sexo no civil, fez com que os ultraconservadores criassem um projeto de combate a "ideologia de gênero", o movimento Escola sem Partido sendo um projeto de privatização das escolas públicas, com o discurso de que nesses espaços existia uma grande doutrinação ideológicas que iriam contra as famílias e a moral. O projeto Escola sem Partido pregava o discurso de neutralidade de partido, quando também queriam uma implementação de uma educação cis heteronormativa, e de fundamentação religiosa cristã para as escolas do país, para impedir todos os avanços nos debates de gênero e sexualidades entre a população, e principalmente os estudantes.

É importante abordar a crescente onda de ataques do conservadorismo religioso aos estudos de gênero, e as discussões de Sexualidades e identidades, vemos que essas instituições religiosas, como as igrejas evangélicas que estão em ascensão na atualidade e a igreja católica que busca retomar mais espaço, vem criando situações alarmistas do que vem a ser as ideologias de gênero, e as dissidências sexuais. Tentando criar uma onda de receios e preconceitos sobre os estudos da temática, dizendo que isso irá corromper as crianças, e irá destruir famílias, essas informações erradas e alarmistas fazem com o que o progresso dos estudos de gênero e sexualidades sejam estigmatizados como pessoas que são contra os valores da família, que não gostam de relações heterossexuais, e que querem doutrinar crianças com essas questões de homossexualidade (Junqueira, 2018).

Consideramos também o eixo de **pesquisas sobre a Teoria Queer** que, no Brasil, particularmente, dialogou desde o começo com a questão de uma educação inclusiva. Segundo quanto apontado pelo sociólogo, Richard Miskolci (2017), um dos pioneiros na introdução da teoria queer no Brasil, o termo *queer* surgiu como crítica ao modelo de ordem sexual, que em 1960 foi associado aos novos movimentos sociais, que foram os movimentos pelos direitos civis negro, o movimento feminista na segunda onda nos estados unidos, e o movimento homossexual. Eram chamados de novos movimentos porque surgiram depois do movimento operário, e tinha princípios diferentes dos valores econômicos, abrindo espaço para se falar das

questões de sexualidade, e de gênero que estão ligadas as relações de poder e preções, marcando as lutas dos movimentos negros que lutavam contra o racismo, os homossexuais que eram classificados pelos médicos como doentes psiquiátricos, e as mulheres feministas lutavam pelo direito a contracepção.

Esses movimentos ameaçavam o que se tinham como práticas normais, o termo queer surge nesse sentido de lutas para se falar das variadas possibilidades de se relacionar, em 1980 a epidemia de aids gerou uma grande onda de medo sexual devido a desinformação, e trouxe à tona a questão das demandas sociais e necessidade de um melhor sistema de saúde, que assim como no Brasil houve uma recusa do governo conservador. Essa questão da aids também foi entendida como uma doença que veio como castigo para as pessoas que não seguiam o padrão heterossexual.

Toda essa questão da aids fez com o que as pessoas fossem mais radicais com as críticas e os ataques ao poder dos conservadores, o significado da palavra queer se refere a anormal, esquisito ou bicha como falam aqui no Brasil, a palavra queer na verdade é um xingamento, por tanto o movimento *Queer Nation* usa esse termo como referência como as pessoas com aids, e principalmente os homossexuais eram tratados com nojo, desprezo e humilhação. Assim surge o termo queer como resistência a todo esse modelo de discriminação causado pela aids.

O queer, portanto, não é uma defesa a homossexualidade, é a recusa dos valores morais violentos que instituem e fazem valer a linha da objeção, essa fronteira rígida entre os que são socialmente aceitos e os que são relegados à humilhação e ao desprezo coletivo. (Miskolci, 2017, p. 25).

De acordo com o texto, no Brasil a teoria queer na área da educação tem uma boa aceitação em relação a outros países, isso devido a noção dos educadores de que se tem uma grande imposição de regras de comportamentos dentro das escolas, claro que isso não é o suficiente para que se tenha esses diálogos inseridos em sala de aula de forma ampla. Historicamente as escolas foram um local onde se tem a propagação do modelo político de sociedade de cada país, desde cedo a escola prega os ditos valores ideais do estado para os jovens, numa tentativa de formar aquele jovem como um cidadão com visão de uma sociedade que segue a heteronormatividade, o patriarcado e outros sistemas que colocam pessoas queer como a escória, como pessoas que tem um desvio de caráter político inclusive.

Hoje em dia, a gente acabou criando um nome para o caráter violento da socialização escolar: *bullying*. Alguns imaginam se tratar de um fenômeno novo, mas, no fundo, o assédio moral sempre foi parte do processo educacional. O *bullying* não foi inventado nos últimos anos, o que mudou foi nossa sensibilidade com relação às formas de violência que ele expressa. (Miskolci, 2017, p. 38).

Desde sempre a questão do *bullying* esteve presente nas escolas, assim como diz a citação acima, a escola como local de socialização entre diferentes tipos de alunos faz com o que aconteça esse choque de diferenças, que não deveria ser algo ruim, mas sim um ponto para se entender a questão das diversidades. Porém o que acontece vai além de só brincadeiras entre adolescentes, mas sim formas severas de violência. Essas formas de violência sempre se intensificam quando se trata de estudantes LGBTQIA+, em comparação a estudantes com outras diferenças como padrão de corpo, justamente pela questão de que a relação da identidade de gênero e das sexualidades são contrárias ao padrão heteronormativo e cristão da sociedade. Vemos isso nos casos de agressão a estudantes LGBTQIA+ que se quer professores tem uma relação de impedir, porque até esses professores meios que têm algum grau de preconceito, ou acha normal esses atos violentos acontecem a pessoas LGBTs.

Reportamos aqui alguns aprofundamentos sobre o texto *O Recôncavo sai do armário*, enfatizando a importância desta contribuição. Conforme destacado pelas organizadoras e demais autoras/es da coletânea, a realização do I Festival Anual de Múltiplas Sexualidades de 15 e 18 de maio de 2012, no campus de Amargosa, Santo Antônio de Jesus, Cruz das Almas e Cachoeira da (UFRB) constituiu um marco significativo nas discussões sobre dissidências de gênero e sexualidades no campo da educação. A coletânea reúne textos de integrantes e palestrantes do evento que tem por finalidade promover um espaço de arte e cultura voltados a diversidades sexuais e de gênero, para incentivar a produção de políticas de gênero e sexualidades, que abre também oportunidades de se expor esses debates para as pessoas envolvendo arte, e cultura. Esse texto se torna ainda mais importante para o meu projeto porque ele fala desta temática dentro do contexto do recôncavo baiano, onde eu vou dirigir a minha pesquisa; o texto aborda de maneira muito clara as questões de gênero e sexualidade nas escolas, com destaques de casos de preconceitos que aconteceram em algumas escolas. Reportamos aqui um trecho das organizadoras:

A escola é uma instituição na qual convivem, de forma nem sempre harmoniosa, diferentes grupos e sujeitos sociais, e ela tem sido, historicamente, uma instância em que se disputam significados que produzem, atualizam e modificam algumas das representações de diversos grupos e sujeitos sociais. Portanto, podemos dizer que a escola é um espaço social complexo e plural, no qual interagem fatores internos e externos que precisamos levar em conta para dimensionar as lutas e as disputas que se desenrolam nesse contexto. Os fatores externos decorrem exatamente do fato de que nela convivem pessoas que são social, política e economicamente diferentes — do ponto de vista da idade, do sexo, da raça/etnia, da classe social, da religião etc. Eles estão relacionados, ainda, com o impacto dos meios de comunicação nas culturas que a atravessam, bem como decorrem do contexto social particular em que cada escola se situa. (Givigi; Dornelles, 2013, p. 46).

A escola como ambiente de aprendizado e de socialização, promove esse choque de realidades, e de diferentes de diferentes tipos de vivências, incluindo diferenças para além das identidades de gênero e sexualidade, como por exemplo a diferença econômica, de raça e religião, então esses marcadores sociais também estão presentes nessa socialização que muitas vezes acontece de forma desarmônica. Justamente porque existe essa separação devido a essas questões sociais, o ambiente escolar deve promover discussões voltadas a solucionar essa separação, esses preconceitos, porque é assim que todo esse preconceito segue sendo reproduzido e atualizado na sociedade, então deve haver um momento onde esse ciclo possa ser rompido, e nada melhor do que a educação para fazer isso, esse é o papel da escola, construir seres sociais que sejam capazes de viver em uma sociedade, respeitando as diferenças.

Apesar dessa diversidade, ou talvez em função dela, é que a escola (como muitas outras instituições sociais) investe muito de seu esforço na elaboração e na implementação de mecanismos e de estratégias que objetivam uniformizar os indivíduos que a compõem. E é por isso também que os grupos sociais nomeados como diferença e diversidade, em alguns casos, resistem a ela, questionam-na e enfrentam-na, e em outros são reprovados, suspensos e/ou expulsos. (Givigi; Dornelles, 2013, p. 47).

Existem escolas onde se tem essa política de tentar uniformizar os alunos, a partir de um currículo escolar conservador que preza por manter os estudantes dentro de padrões de consulta de comportamentos que foram enraizados na sociedade, que é a questão da heteronormatividade, e da visão binária e machista de gênero, onde coloca estudantes queer em lugares de extremo desconforto, e além de fazer com que esses estudantes vivam em uma luta diária para se manter nesses padrões, fazendo eles negarem muitas vezes suas identidades para não sofrer as opressões. Por isso



os currículos escolares devem ter a inserção desses debates, os alunos precisam dialogar dentro das salas de aula sobre suas identidades, e de como suas identidades tanto de gênero e sexualidade são validas e importantes por não seguir o padrão.

## **6 METODOLOGIA DA PESQUISA**

O presente trabalho será construído a partir da metodologia de pesquisa bibliográfica, pois esse método é mais indicado para se obter os dados necessários para a pesquisa, junto com o método qualitativo. O levantamento bibliográfico está sendo começado através de indicação da orientadora e na internet no site google, através de palavras-chaves como identidade, gênero, sexualidade, educação.

Apresentamos a literatura a ser estudada distinguindo entre as produções que tratam das abordagens sobre as identidades de gênero e sexualidades nas escolas, ou seja, o campo de gênero e educação, dando destaque para as produções do Estado da Bahia. Apresentaremos s alguns textos relativos à discussão sobre a chamada “ideologia de gênero” e sobre os ataques aos Estudos de gênero pelo projeto Escola sem Partido. Também, levaremos em conta o campo específico da teoria queer e suas interseções com a prática educativa.

A pesquisa também irá se valer da abordagem da pesquisa de campo baseada em observações e coleta de dados, mediante conversas informais e entrevistas semiestruturadas com personalidades da cidade ligadas ao movimento LGBTQIA+ e com professoras/es e educadoras/es da Escola Instituto Municipal Luiz Viana.



## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam *et al.* **Juventude e sexualidade**. Brasília, UNESCO Brasil, 2004.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. Secretaria de Educação no Brasil. **Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015**: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais. Curitiba: ABGLT, 2016.

<http://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2016/03/IAE-Brasil-Web-3-1.pdf>

BOKANY, Vilma; VENTURI, Gustavo. **Diversidade sexual e homofobia no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

COSTA, Ramayana e Silva; VANIN, Lole Macedo. **Ideologia de gênero: ataques aos estudos de gênero pelo movimento Escola sem partido**. Seminário internacional (anais eletrônicos) Florianópolis, 2021.

[https://www.fg2021.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/fg2020/1611853302\\_ARQUIVO\\_8c103483f80bae3d860b2f8306521e7a.pdf](https://www.fg2021.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/fg2020/1611853302_ARQUIVO_8c103483f80bae3d860b2f8306521e7a.pdf)

FERNANDES, Felipe Bruno Martins. **A Agenda ante-homofobia na educação brasileira (2003-2010)** [tese] / Felipe Bruno Martins Fernandes; orientadora, Miriam Pillar Grossi. - Florianópolis, SC, 2011.

<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/95612>

FERNANDES, Juliana Silva dos Reis. **A importância das discussões de gênero e sexualidade no ambiente escolar**. FAGED, 2016. Disponível em:

<https://petpedagogia.ufba.br/importancia-das-discussoes-de-genero-e-sexualidade-no-ambiente-escolar#>

GIVIGI, Ana Cristina Nascimento; DORNELELLES, Priscila Gomes. **O recôncavo baiano sai do armário: universidade, gênero e sexualidade**. Crus das almas-Bahia: EDUFBR, 2013.

<https://www1.ufrb.edu.br/editora/component/chronoforms5/?chronoform=ver-livro&id=20>

JUNQUEIRA, Rogério Diniz, "Ideologia de gênero": uma ofensiva reacionária transnacional". **Koinonia**, 2018. Disponível em:

[http://www.koinonia.org.br/tpdigital/uploads/Ideologia-de-Genero-KN\\_out\\_2018.pdf](http://www.koinonia.org.br/tpdigital/uploads/Ideologia-de-Genero-KN_out_2018.pdf)

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalistas**. Guacira Lopes Louro, Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: Um aprendizado pelas diferenças**. Autêntica, 2017.

NOGUEIRA, Pedro Ribeiro. **Por que a educação deve discutir gênero e sexualidade? Listamos 7 razões**, [s.n.], 2015. Disponível em:

<http://portal.aprendiz.uol.com.br/2015/06/25/por-que-a-educacao-deve-discutir-genero-e-sexualidade-listamos-7-razoes/>

PERESSONE, Bernado Luz; TORESAN, Luiz Henrique. Homossexualidade, Psicopatologia e Saúde Mental. **Psicopatologia crítica**: perspectivas do sofrimento existencial, v. 1, n. 1, 11 nov. 2020.

Disponível em: <https://koan.emnuvens.com.br/psicopato/article/view/48>

RIBEIRO, Guilherme Augusto; THIENGO, Edimar Reis. **Discutindo gênero e sexualidade na escola**: um guia didático-pedagógico para professores. Vitória do Instituto Federal do Espírito Santo, 2019

[https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/561404/2/MPECM\\_Produto%20Educacional\\_Ebook\\_Guilherme%20Augusto%20Maciel%20Ribeiro\\_Turma%202015-DS\\_%20V%20final\\_21.10.2019.pdf](https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/561404/2/MPECM_Produto%20Educacional_Ebook_Guilherme%20Augusto%20Maciel%20Ribeiro_Turma%202015-DS_%20V%20final_21.10.2019.pdf)